

O pequeno Brasil de Palmares

Escavações arqueológicas sugerem que o quilombo de Zumbi era multiétnico como um pequeno Brasil

RICARDO BONALUME NETO
Especial para a Folha

A opção sexual não é a única coisa desconhecida sobre o líder negro Zumbi, cuja morte há quase 300 anos marcou o fim de uma experiência única na história da escravidão nas Américas — o quilombo de Palmares, a maior comunidade de escravos fugidos da história do continente.

Zumbi foi morto em 20 de novembro de 1695, data que hoje é comemorada como o "dia da consciência negra". Tomando carona na festa, o antropólogo e militante homossexual Luiz Mott sugeriu que Zumbi era gay. Os dados históricos disponíveis não são suficientes para apoiar essa tese, ou negá-la.

Pouco se sabe sobre o dia a dia do quilombo (palavra de origem africana que quer dizer "acampamento"), sobre como era sua constituição política, sobre a organização de seu espaço físico ou sobre a estrutura de sua força militar.

Descobertas arqueológicas recentes estão mostrando, porém, que a importância de Zumbi vai além de um símbolo apenas para os negros. O quilombo de Palmares era um local onde conviviam não só aqueles que fugiam da escravidão, mas também outras pessoas excluídas das benesses do projeto colonial português.

Nesse sentido, as descobertas arqueológicas estão confirmando o que já era possível deduzir pelos relatos históricos.

"Os documentos referem-se à convivência, em Palmares, de africanos, indígenas, muçulmanos e europeus. Estes últimos podiam ser atraídos ao quilombo não apenas pela miséria da vida colonial como, também, para evitar perseguições das autoridades a judeus, heréticos ou criminosos", diz o

Há indícios de convivência com indígenas, muçulmanos e europeus

arqueólogo Pedro Paulo Funari, do Departamento de História da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas).

Nada impede, portanto, que um homossexual também não tenha buscado refúgio na república negra. Certamente estariam livres de perseguição pela Inquisição da Igreja Católica.

Funari é um dos responsáveis pelo projeto de escavações na região de Palmares, que se estendia na área entre os atuais Estados de Alagoas e Pernambuco. A existência de muitas palmeiras deu o nome à região, que é mencionada em documentos desde o começo do século 17 como um centro de concentração de escravos que fugiam dos engenhos nordestinos na Zona da Mata litorânea.

Funari e seus colegas já fizeram duas sessões de escavações na Serra da Barriga (AL), em 1992 e 1993, e deverão voltar a Palmares no ano que vem. Em uma etapa ainda bem preliminar, já foi possível localizar 14 sítios arqueológicos, "13 deles do século 17 e um do final do 18, e coletar 2.448 artefatos, a grande maioria fragmentos cerâmicos", segundo Funari.

O outro responsável pela pesquisa é Charles E. Orser Jr., da Universidade Estadual de Illinois. Eles também tiveram ajuda do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de Alagoas, dirigido por Zézito de Araújo, do arqueólogo africanista britânico Michael Rowlands, do University College de Londres, e do arqueólogo brasileiro Paulo Zanetti, pioneiro na arqueologia histórica em Canudos (BA).

"Os primeiros resultados da pesquisa arqueológica indicam que a cultura de Palmares era o resultado da interação dos mais variados grupos étnicos que compunham o quilombo", diz Funari.

"Embora ainda seja cedo para conclusões, a cultura material de Palmares parece indicar que o quilombo era uma sociedade multiétnica, um verdadeiro mosaico cultural", diz o arqueólogo da Unicamp.

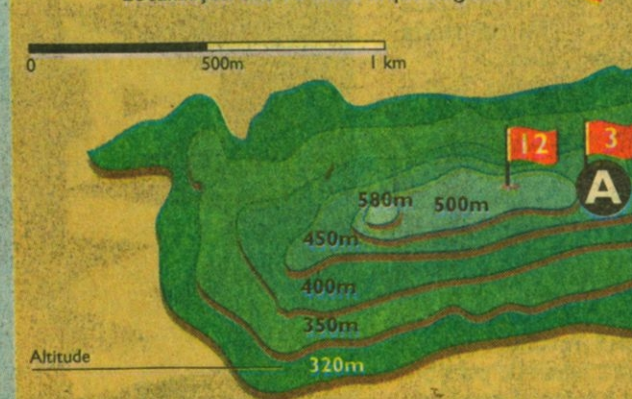
ARQUEOLOGIA DE PALMARES

Região das escavações



SERRA DA BARRIGA

Localização dos 14 sítios arqueológicos



A



Pedaço de majólica (louça vidrada)
Cerâmicas vidradas são de fabricação europeia. Peça foi provavelmente feita no litoral por portugueses que comerciaram com os palmarinos.

B

Machado de pedra encontrados no sítio I



Os instrumentos de pedra encontrados podem ser de modelo africano ou indígena. Os machados foram encontrados associados ao vaso grande.

C

Vaso grande de cerâmica encontrado no sítio I

O vaso encontrado tem características de cerâmica indígena, o que reforça a tese de que havia muitos índios em Palmares.



O arqueólogo Pedro Funari mede o vaso



Perfil do vaso grande

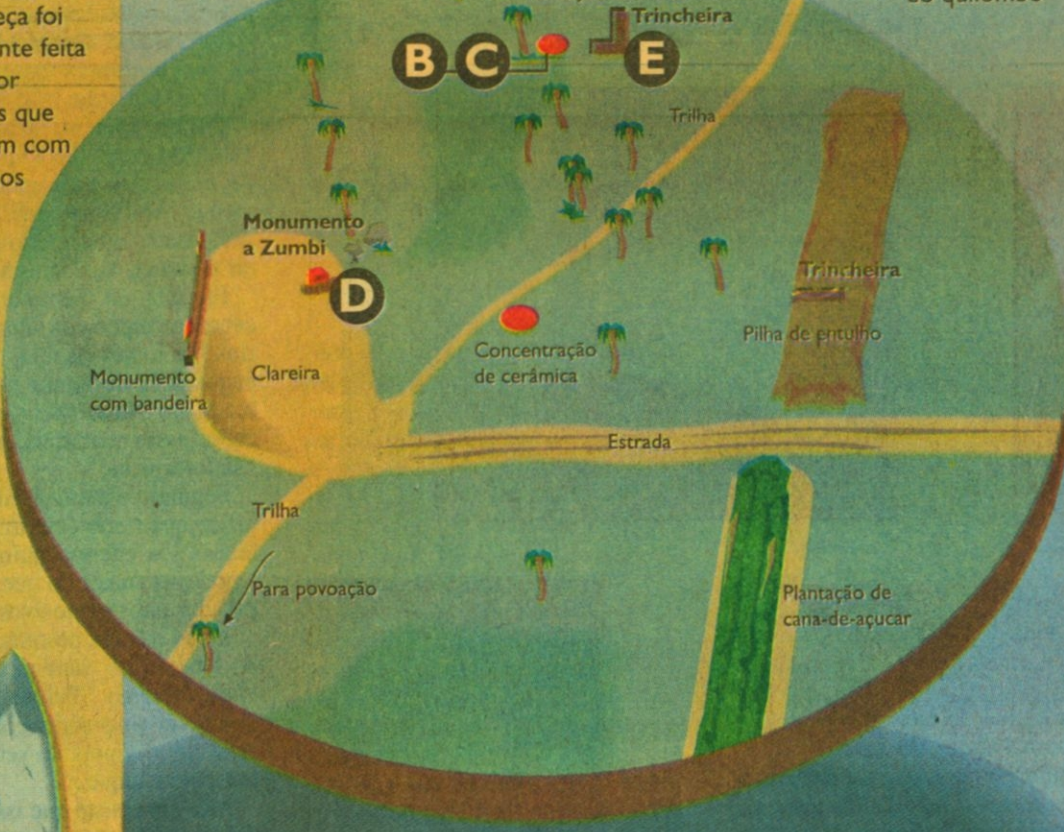
A história do quilombo de Palmares só era conhecida através de documentos até 1992, quando começaram as escavações na região da Serra da Barriga, Alagoas. Os achados preliminares desde então apóiam a tese de que os quilombos eram mosaicos culturais, sociedades criadas pelos escravos fugidos mas que incluíam indígenas e até mesmo brancos.



Vista da região dos quilombos a partir da Serra da Barriga

SÍTIO I

Principal sítio arqueológico achado até agora em Palmares. Fica na região onde se localizava a capital do quilombo.



D

Monumento moderno em homenagem a Zumbi localizado no sítio número I



E

Trincheira
Escavada em 1993 mostra restos de uma habitação



O arqueólogo Charles Orser dentro da trincheira

Esses resultados indicam um forte componente indígena. É fácil de entender o motivo. Os índios ainda habitavam a região, que inicialmente conheciam bem melhor que os palmarinos. Também era uma população perseguida pelos colonizadores portugueses.

E, algo que a arqueologia pode ajudar a mostrar, era entre os índios que os negros poderiam encontrar algo raro: mulheres.

Uma das pistas é a cerâmica. Tradicionalmente, são as mulheres índias que a fabricavam. "Os fragmentos cerâmicos, em particular, demonstram uma forte influência indígena e uma não menos perceptível mescla de estilos europeus, africanos e ameríndios", diz Funari. "Um dos elementos-chave de Palmares foi o seu caráter interno sincrético", escreveu Orser em um relatório com os resultados preliminares das escavações.

Entre os achados estão fragmentos de cerâmica europeia vidrada e um grande vaso cerâmico. "Este último foi encontrado enterrado e pode ter servido para armazenar comida, seguindo uma tradição dos bantos, ou, talvez, para um enterramento, supondo-se uma possível continuidade de prática indígena", afirma Funari.

Os arqueólogos apenas raspam a camada mais externa de Palmares, mas isso já serviu para deixá-los salivando. Eles se concentraram no sítio em uma colina onde ficava a capital de Palmares, chamada Macaco.

A partir de 1660 o líder foi alguém que se denominou "Grande Senhor", ou Ganga Zumba. Ao tentar fazer as pazes com os portugueses, ele terminou assassinado. Subiu então ao poder seu sobrinho, Zumbi, que nasceu livre, e que não queria saber de acordos com o inimigo.

Praticamente tudo o que se sabe sobre os habitantes dos quilombos,

O quilombo era atraente para judeus, heréticos ou criminosos

os quilombolas, foi escrito pelo inimigo — portugueses, ou holandeses, que dominaram partes do Nordeste de 1630 a 1654. Isso tende a valorizar o trabalho arqueológico como uma maneira indireta de dar voz ao povo de Zumbi.

Os relatos que existem indicam que ele foi um dos mais importantes líderes guerreiros da história militar brasileira, um brilhante líder de guerrilhas que derrotou um número considerável de expedições punitivas.

Para vencer os palmarinos foi necessário importar especialistas em luta no sertão, índios e bandeirantes liderados por Domingos Jorge Velho. Em fevereiro de 1694, após um sítio de 42 dias, a capital de Palmares foi destruída.

Entre as principais descobertas ali estão os restos de uma moradia, em uma trincheira escavada em forma de letra "L". Ainda é pouco para saber que tipo de construção era, se tinha influência indígena, africana ou portuguesa, ou como as habitações eram distribuídas pelo quilombo.

Outro achado tantalizante foi o de prováveis vestígios de uma paliçada. Segundo Funari, o que se achou não tem tamanho suficiente para ser a grande paliçada de defesa da capital, que deveria ficar mais abaixo. Mas pode fazer parte do conjunto de obras de defesa.

Ainda não foi achado vestígio —como indícios de incêndio, ou armas— da batalha final. O solo ácido torna difícil que metais tenham sobrevivido. Mas uma escavação mais extensa poderá eventualmente reconstituir parte do drama dos palmarinos.

Os quilombolas costumavam se referir a Palmares como uma "Pequena Angola". Os relatos históricos e agora a arqueologia revelam o caráter multicultural desse transplante africano na América. "Se assim for, a experiência de resistência dos palmarinos deverá, ainda mais, ser evocada como símbolo da luta pela liberdade", diz Funari. De "Pequena Angola", Palmares passaria a ser um "pequeno Brasil", mais justo, e que não deu certo por causa de suas qualidades.